



Contando histórias

Dinâmica 8

9º Ano | 2º Bimestre

Aluno

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	9º Ano do Ensino Fundamental	Enredo, narrador, foco narrativo.	Identificar o conflito gerador do enredo, o narrador e o foco narrativo.

DINÂMICA	Contando histórias.
HABILIDADE PRINCIPAL	H21 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem textos narrativos.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H04 – Identificar o tema de um texto.
DESCRITOR DO CURRÍCULO MÍNIMO	Identificar narrador, foco narrativo, espaço, tempo, personagens e conflito.

Caro/a aluno/a, nesta dinâmica você irá desenvolver as seguintes fases com seu professor e seus colegas:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Apresentação e discussão inicial.	Leitura do texto e discussão orientada.	20 min	Toda a turma.	Oral/ Coletivo.
2	Exercícios e aprofundamento do conteúdo.	Análise textual, exposição oral e sistematização.	40 min	Duplas ou trios.	Escrito/Oral/ Coletivo.
3	Autoavaliação.	Questões objetivas.	20 min	Toda a turma.	Escrito/ Individual.
4	Etapa opcional.	Produção textual.	20 min	Duplas ou trios.	Escrito/ Coletivo.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Texto e ficha de leitura disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO INICIAL

LEITURA DO TEXTO E DISCUSSÃO ORIENTADA

Algo comum, entre os vários povos da terra, é o gosto pelas histórias. Parece que todo mundo gosta e sempre gostou de inventar, modificar, contar e ouvir histórias. As histórias abordam os mais variados assuntos. Explicam a origem da humanidade, como se deu a criação do céu e da terra, quais as diferenças entre o homem e a mulher... Essas histórias podem ser verdadeiras ou inventadas. Você vai ler agora duas narrativas, sobre temas distintos e contadas de pontos de vista diferentes. Boa leitura!

TEXTO I

A separação (Fragmento)

Tudo começou com um cheiro de purê de batata. Minha mãe fazia purê quando tinha algo do que reclamar ou estava de mau humor. Esmagava as batatas com mais força do que o necessário, com uma verdadeira fúria. Isso a ajudava a relaxar. Sempre gostei de purê de batata, ainda que na minha casa tivesse gosto de problema.

Naquela tarde, quando senti o cheiro do vapor que saía da cozinha, fui ver como estavam as coisas. Minha mãe não percebeu minha presença. Chorava em silêncio. Teria feito qualquer coisa para que ela voltasse a ser a mulher sorridente que eu tanto adorava, mas não sabia como alegrá-la.

A partir daquele momento, a ouvi soluçar todas as noites. Eu costumava acordar em horários esquisitos. Quando criança, adormecia e só despertava de manhã. Porém, aos treze anos, comecei a ter o “sonho escarlate”, um pesadelo recorrente. (...)

Nas noites de pesadelo, acordava com muita sede. Se a água que minha mãe deixava ao lado da cama já tivesse acabado, não me atrevia a ir até a cozinha, como se o “sonho escarlate” se passasse lá. (...)

Certa noite, acordei ainda mais assustado. Acendi a luz e olhei minhas mãos, com medo de que elas estivessem manchadas de sangue. Só havia as marcas de tinta com as quais tinha voltado do colégio. Olhei para o mapa-múndi e, antes de conseguir pensar em países distantes, ouvi alguém soluçando. O ruído vinha do corredor e tinha o tom inconfundível da voz da minha mãe.

Desta vez, criei coragem de sair. O pranto dela era mais importante que meu pesadelo, então fui, descalço, até o quarto de meus pais. Eles dormiam em camas separadas. As cortinas estavam abertas, e a luz da lua entrava no quarto e se espalhava sobre a cama do meu pai, que era a mais próxima da janela. Vi muitas outras camas desde então, mas nenhuma me impressionou tanto como aquela: meu pai não estava lá.

(...)

VILLORO, Juan. **O livro selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 9-11.

TEXTO II

Ao clarear do dia viu-se sozinho na vastidão do oceano. Enorme angústia apossou-se dele; pôs-se a chorar desabaladamente. (...)

Chorou muito. Por fim, enxugou os olhos e olhou ao redor, conformado: lágrimas de nada lhe adiantariam. Precisava dar um balanço na situação e decidir o que fazer.

O mar, liso, aliás, liso como espelho, estava cheio de destroços do naufrágio — mas navio nenhum estava à vista, portanto poderia desistir de um resgate imediato; mais tarde, talvez, ou nos dias que se seguissem. Quanto ao escaler, era sólido e estava devidamente aparelhado para emergências: numa grande bolsa Max encontrou alimentos enlatados, vasilhas com água, utensílios de pesca, lanterna elétrica. (...)

Teve então uma ideia: improvisar uma espécie de cabana com os destroços do *Germania* que flutuavam a seu redor. Uma grande caixa de madeira, boiando a pequena distância, parecia adequada para isto. Com muito esforço, remou até lá.

Puxou a caixa para junto do barco. Examinou-a e constatou que tinha, na parte superior, uma tampa fechada por um cadeado que agora, quebrado, parecia frouxo. Max retirou-o.

Alguma coisa pulou de dentro da caixa, arremessando-o com força inaudita contra o chão do escaler. Max bateu com a cabeça, perdeu os sentidos.

Aos poucos, foi se recuperando. Abriu os olhos.

O berro que soltou atroou os ares. Diante dele, sentado sobre o banco do escaler, estava um jaguar.

SCLIAR, Moacyr. **Max e os felinos**. Porto Alegre: L&PM, 2009. pp. 61-63.

VOCABULÁRIO	
ESCALER	Pequeno barco destinado para serviço de um navio.
INAUDITO	Que nunca se ouviu dizer; espantoso, extraordinário.
ATROAR	Fazer estremecer por efeito de um estrondo ou grande barulho.

Caleidoscópio

Juan Villoro nasceu em 1956, na Cidade do México. É escritor, jornalista e tradutor, tendo recebido diversos prêmios por seu trabalho.

*O livro **selvagem** é um romance que narra a aventura vivenciada pelo menino Juan, de 13 anos, na biblioteca da casa de seu tio, onde foi passar férias, por ocasião da separação de seus pais. O texto usado nesta dinâmica é um fragmento do primeiro capítulo, em que o narrador mostra o que levou o menino a ser distanciado da mãe e da irmã, tendo a oportunidade de aproximar-se de seu tio, da leitura e de seu primeiro amor.*

Moacyr Scliar nasceu em 1937, na cidade de Porto Alegre. Autor premiado, com mais de 60 livros publicados, já teve obras suas publicadas nos Estados Unidos, na França, na Alemanha, em Portugal, na Espanha, na Suécia, na Argentina e em outros países. Em 2003, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Max e os felinos foi lançado pela primeira vez em 1981. Neste livro, o jovem Max, um alemão fugindo do nazismo rumo ao Brasil, vivencia um naufrágio, tendo de conviver em um bote salva-vidas com um felino, pois o navio em que Max viajava transportava também animais de um zoológico.

*Em 2002, o livro foi envolvido em uma polêmica internacional, pois Yann Martel, autor de **A vida de Pi**, foi acusado de plagiar o livro de Scliar. Com a mesma ideia, mas histórias diferentes, Martel admitiu ter se inspirado no livro escrito pelo autor brasileiro. Em 2013, o filme **As aventuras de Pi**, baseado no livro de Yann Martel, recebeu 5 Oscars.*



ETAPA 2

EXERCÍCIOS E APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO

ANÁLISE TEXTUAL, EXPOSIÇÃO ORAL E SISTEMATIZAÇÃO

Após a leitura e a discussão realizadas, leia as questões a seguir, converse com seus colegas e registre a resposta a que o grupo chegar, ou a sua, caso seja diferente da do grupo, em seu material.

1. Após a leitura e a discussão realizadas, identifique quais são os temas tratados em cada um dos textos. Justifique sua resposta com um trecho do texto que a comprove.

Texto I

Texto II

2. No Texto I, o que leva o menino a perceber
c. Que a mãe passava por um problema?

- d. Que o pai não estava mais lá?

3. No Texto II, o que leva o jovem à situação-limite de ter de conviver com um jaguar em uma pequena embarcação?

4. Em que pessoa do discurso é escrito cada um dos textos lidos?

Texto I: _____

Texto II: _____

5. Qual é o sentido criado pela escolha das pessoas do discurso em cada um dos textos?

6. Reescreva o 2º parágrafo do Texto I usando uma narração em 3ª pessoa. Faça as adaptações necessárias.

7. Reescreva os dois primeiros parágrafos do Texto II usando uma narração em 1ª pessoa. Faça as adaptações necessárias.

Quadro para sistematização geral	
NARRADOR	Aquele que conta a história.
NARRADOR-PERSONAGEM	Aquele que conta a história, da qual ele mesmo participa como personagem. Estabelece um ponto de vista ou foco narrativo de quem participou dos acontecimentos, narrando em 1ª pessoa.
NARRADOR-OBSERVADOR	Aquele que conta a história sem participar dela, narrando em 3ª pessoa os acontecimentos observados.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 2000.

*“Quando lemos um texto, ele está pronto e acabado. Todavia, ele só existe porque foi produzido por alguém. O produto tem existência porque existe um produtor, alguém que escreve o texto, um autor. No entanto, os textos têm um responsável interno por sua organização, aquele que conta a história, que fala, que opina, que descreve, que argumenta. Por que responsável interno? Porque ele pode colocar-se no interior do texto, dizendo eu. Quem conta a história, quem é responsável pela organização do texto é chamado de **narrador**. Não se pode confundir narrador com autor. Aquele é a voz com que este constrói o texto. A prova de que os dois não se misturam é o fato de que o narrador pode ser uma personagem da história.”*

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 2001. p. 174.



ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA

Nesta fase, você trabalhará sozinho para testar o que aprendeu nesta dinâmica. Leia com atenção os textos e os enunciados das questões, a fim de escolher a melhor resposta. Preste atenção na resposta comentada do professor e verifique se você chegou às mesmas conclusões.

Leia o texto a seguir para responder às questões.

Barulho na vizinhança

Acordei pela manhã com o barulho dos meus vizinhos. São sempre muito discretos, mas hoje fizeram uma barulheira incomum. Moro no segundo andar de um prédio. Um coqueiro já chegou à altura da minha janela e em sua palma duas rolinhas residem há algum tempo. São eles os meus vizinhos buliçosos. Logo eles que são habitualmente silentes. Ronronam durante a manhã e por volta do meio-dia arremedam um “fogo apagou” que enche o ar de preguiça e melancolia. Durante o resto do dia, permanecem mergulhados num silêncio monacal. [...]

Da minha janela não dá para saber qual o motivo de tanto alvoroço. Será algum gato que se aproxima? Ou o nascimento dos filhotes? Ou um natural azedume do arrebol? [...]

(1) Monacal: único.

(2) Arrebol: amanhecer ou entardecer.

Disponível em: <<http://www.neupoemas.hpg.ig.com.br/cronicas/barulho.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2011. Fragmento.

QUESTÃO 1 (SAERJINHO 2011)

No Texto, no segundo parágrafo, a sequência de interrogações sugere

- a. curiosidade.
- b. irritação.
- c. preocupação.
- d. surpresa.



QUESTÃO 2 (SAERJINHO 2011)

Há uma opinião do narrador no trecho:

- a. “Acordei pela manhã com o barulho dos meus vizinhos.”
- b. “Moro no segundo andar de um prédio.”
- c. “Um coqueiro já chegou à altura da minha janela...”
- d. “... que enche o ar de preguiça e melancolia.”



ETAPA OPCIONAL

PRODUÇÃO TEXTUAL

Vamos trabalhar novamente em grupo? Você e mais quatro colegas devem realizar uma das propostas de produção de texto a seguir. Para isso, leiam com atenção, discutam entre vocês e solicitem que um colega redija o texto. Não deixe de registrar o texto do grupo no seu material também, no espaço reservado para resposta. Mãos à obra!

PROPOSTAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO

1. Escolha um acontecimento de infância, de quando um de vocês era pequeno/a, algo importante, feliz ou engraçado, e conte-o usando um narrador-personagem.

O texto deve ser organizado em parágrafos, ter entre 8 e 15 linhas e ser narrado em 1ª pessoa.

